

A vitória por exclusão

O presidente Fernando Henrique Cardoso costuma se queixar do reduzidíssimo número de assessores de que dispõe para comandar o governo. Na economia, ele não consegue citar mais do que oito nomes — incluindo os dos ministros da Fazenda e do Planejamento. As dificuldades são muitas, a começar pelo salário oferecido no serviço público, muitas vezes menor do que as ofertas da iniciativa privada.

Essa queixa tem sido usada como argumento dos defensores da recandidatura de Fernando Henrique. Os tucanos e pefelistas lembram com frequência que hoje o Brasil já sabe como e com quem Fernando Henrique vai governar num eventual segundo mandato. O que não é o caso dos prováveis adversários.

Luiz Inácio Lula da Silva, por exemplo, pagou por isso em 1989. Dele, por exemplo, muitos empresários e formadores de opinião diziam gostar. "O problema é saber com quem ele vai governar", ponderavam. "Como serão os barbudinhos do PT no Banco Central?", indagavam outros. O PT pagou um preço alto e mostrou, em administrações municipais e estaduais, que é possível (com alguma dificuldade, é claro) governar com o partido e até fazer alianças.

Todos lembram-se da luta de Fernando Collor, como presidente eleito, (portanto antes da evidência da presença de Paulo Cesar Farias) para montar sua equipe. Foram muitos os convites recusados e as figuras centrais do governo passaram a ser Pedro Paulo Leone Ramos, Cláudio Vieira, Margarida Procópio, Carlos Chiarelli. Deu no que deu, de triste memória.

Itamar Franco começou pela turma de Juiz de Fora, pelos na época chamados "caipiras" — Gustavo Krause e Paulo Haddad — para a equipe econômica e mais alguns amigos pessoais como Murílio Hingel, Alexis Stepanenko e Maurício Corrêa para importantes áreas do governo. Antes, José Sarney, que herdara uma equipe montada por Tancredo Neves, na primeira oportunidade deixou sua marca: nomeou os amigos Vicente Fialho e José Reinaldo Tavares.

Parece que é mesmo uma tradi-

ção brasileira. Não separar as questões de Estado dos afetos pessoais. O presidente Fernando Henrique tem insistido na tese de que é preciso separar as duas questões. E foi preterindo os antigos amigos que adotou a lógica de compor com os diversos partidos que dão sustentação ao seu governo que ele embarcou em nomeações políticas, hoje, comprovadamente, de baixo desempenho administrativo. Os exemplos estão aí para se ver.

O próprio PFL, considerado profissional na política, não foi feliz em suas indicações — os Ministérios da Previdência e do Meio Ambiente ainda deixam a desejar e o das Minas e Energia tem sido criticado pela lentidão no processo de privatização. Só não perde para o dos Transportes que há três anos está com os políticos do PMDB. Primeiro com Odacir Klein e, agora,

com Eliseu Padilha. Não custa lembrar a dificuldade de Íris Resende no Ministério da Justiça, Arlindo Porto na Agricultura, e a distância do pensamento de Francisco Dornelles da ação dos ministérios econômicos.

Para contornar essa exigência da política, Fernando Henrique adotou o sistema de "gambiarra" — designando pessoalmente os vice-ministros (os secretários-executivos) para ter a garantia da continuidade administrativa nas diversas pastas. Talvez fosse melhor

que Fernando Henrique nomeasse os próprios amigos em vez de nomear amigos dos aliados.

Não se pode deixar de reconhecer, apesar de todas as críticas, que a composição do governo Fernando Henrique não causa espanto — como outros que já passaram. Ele deixa a desejar — poderia fazer mais do que faz. É assim que os defensores de Fernando Henrique pregam a reeleição. Já não é mais pelas qualidades administrativas do candidato, e sim pelas fragilidades dos prováveis adversários para compor um eventual governo. E por sua capacidade de agregar novos apoios.

As pesquisas de hoje indicam que Fernando Henrique poderá até enfrentar um segundo turno nas eleições do ano que vem, mas não perdeu a condição de favorito. Mas bem que ele poderia melhorar a equipe.



■ *Cristiana Lôbo é jornalista*

Bem que Fernando Henrique poderia melhorar a equipe de governo